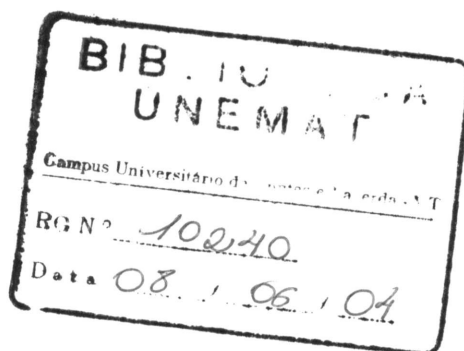


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

SER OU NÃO AUTÊNTICO, EIS A QUESTÃO

ILSON JOSE JUSTO DA SILVA



PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2003.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A AUTENCIDADE DO SER

Ensaio monográfico apresentado a UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

ORIENTADORA: NILSA ANDRÉA DOS SANTOS

PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2003.

Dedico este ensaio monográfico primeiramente a Deus, para Sua Honra e Glória.

A meus pais (pai, in memoriam) e irmãos que com simplicidade ensinou-me valores imprescindíveis na formação do meu caráter, levando-me a compreender a real importância desta formação e por regozijarem comigo na concretização da mesma.

A minha esposa Andréia Joslaynne, filhas Lígya Evellyn e Izabela Batista, são elas, dádivas de Deus à minha vida e motivadoras de todos os meus projetos.

É inestimável a minha gratidão a Deus. Foi Ele que me proporcionou as condições necessárias para transpor o abstrato e concretizar o que outrora, eram apenas, meras projeções.

Sou também muito grato a toda minha família, pelo apoio, amor e carinho, principalmente nos momentos difíceis.

Às professoras do Estágio, Cleunice Maria de Andrade, Mércia de Almeida Simões e orientadora Nilsa Andréa dos Santos que sem medir esforços, de maneira eficaz e dedicada ajudaram-me nesta realização.

A todos os colegas de sala indistintamente, pelo grande apoio e solidariedade em dividir comigo os seus conhecimentos, destes colegas, eu não poderia deixar de agradecer muito especialmente ao Aparecido Borges da Fonseca e Luciana Raimunda de Lana Costa, ambos tiveram comigo lado a lado firmando-me para que pudesse chegar à final com vitória.

Agradeço muito especialmente à professora Nilsa Andréa dos Santos pela amizade, carinho, bondade, dedicação e outras incontáveis virtudes, dentre elas, a de voluntariamente renunciar tempo de sua vida para simplesmente orientar-me sem nenhum retorno de ordem financeira e com esmero, conduziu-me na realização deste trabalho. Que Deus possa abençoar grandemente a todos, recompensando-os muitas vezes mais por todo o bem que me causaram.

*Você chama de violenta as águas de um rio
que tudo arastam;
mas não chama de violenta as margens
que o aprisionam.*

BERTOLD BRECHT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	2
SER OU NÃO SER AUTÊNTICO, EIS A QUESTÃO.....	3
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
BIBLIOGRAFIA.....	21

APRESENTAÇÃO

O tema escolhido entre tantos outros se deu pelo instigar das questões existenciais oriundas da leitura do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, editado em 1962.

A existência humana instigou filósofos desde os primórdios da história e continua a instigar ainda hoje.

Por essas razões buscamos como dispositivo teórico de análise, o Existencialismo para uma reflexão sobre “nosso pai”, o personagem do conto já referido.

Na primeira parte de nossa análise, buscamos trazer noções fundamentais sobre a teoria e a associamos ao ser, entendido na perspectiva de Candido como, personagem que revela aspectos essenciais da vida humana, pois, os seres ficcionais possuem uma coerência interna com o ser real.

Posterior a essa abordagem, apresentamos a análise do objeto e para tal, iniciamos pelo título do conto em que está inserido “nosso pai”, tendo em vista ele ser uma metáfora que interpretamos tratar da vida, no sentido extensivo ao existir do personagem, na sequência detemo-nos à trabalhar os conceitos básicos da teoria aplicados à constituição do personagem.

Apresentamos essa divisão textual para melhor compreender a teoria e a personagem para em seguida fundamentar com mais propriedades nossa reflexão teórica, entretanto, nossos estudos foram construídos em um único “corpus”.

APRESENTAÇÃO

O tema escolhido entre tantos outros se deu pelo instigar das questões existenciais oriundas da leitura do conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa, editado em 1962.

A existência humana instigou filósofos desde os primórdios da história e continua a instigar ainda hoje.

Por essas razões buscamos como dispositivo teórico de análise, o Existencialismo para uma reflexão sobre "nosso pai", o personagem de conto já referido.

Na primeira parte de nossa análise, buscamos trazer noções fundamentais sobre a teoria e a associamos ao ser, entendido na perspectiva de Candido como, personagem que revela aspectos essenciais da vida humana, pois, os seres ficcionais possuem uma coerência interna com o ser real.

Posterior a essa abordagem, apresentamos a análise do objeto e para tal, iniciamos pelo título do conto em que está inserido "nosso pai", tendo em vista ele ser uma metáfora que interpretamos tratar da vida, no sentido extensivo ao existir do personagem, na sequência detemo-nos à trabalhar os conceitos básicos da teoria aplicados à constituição do personagem.

Apresentamos essa divisão textual para melhor compreender a teoria e a personagem para em seguida fundamentar com mais propriedades nossa reflexão teórica, entretanto, nossos estudos foram construídos em um único "corpus".

SER OU NÃO SER AUTÊNTICO, EIS A QUESTÃO

No infinito das possibilidades de abordagens que a obra de Guimarães Rosa propicia referente às questões existenciais, este é mais um trabalho monográfico desenvolvido nesta perspectiva, originado nas indagações de um leitor sobre as questões conflitantes e místicas da existência humana. O ponto norteador deste trabalho é, a crise do ser, em ser ou não ser autêntico, face às decisões evidenciada de forma consciente e/ou inconsciente pelas personagens.

O nosso objeto de análise é o personagem nomeado pelo narrador como “nosso pai” do conto “A terceira margem do rio” da obra *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, editado em 1962.

Esta narrativa está sob a influência dos movimentos filosóficos existencialistas, que põem em destaque as personagens que expressam experiências individuais do homem.

A nossa atenção é voltada fundamentalmente para o protagonista, denominado pelo narrador, apenas como “nosso pai” e para o filho, o próprio narrador, que consideramos impossível dissociar um do outro, pois, todas as reflexões passam pelo filho. “Nosso pai”, era um homem honesto, quieto, aparentemente normal, decidido e que morava juntamente com sua esposa e três filhos nas proximidades de um rio, grande, fundo e calado.

Certo dia “nosso pai”, mandara fazer uma canoa e sem dar nenhuma explicação ou satisfação para a família, resolve evadir para o meio do rio, fazendo da canoa, sua morada, apenas um adeus deu para família. Tomou sua canoa e foi se embora, por lá permaneceu, durante anos e anos, sobrevivendo apenas de umas poucas sobras de alimentos colocados pelo filho à margem. Nunca mais deu nenhum sinal de afeto, todas as tentativas da família foram em vão, seus filhos

cresceram, sua filha casou e teve filho e o pai permanecia lá, no rio, nem mesmo a apresentação do netinho posto à beira do rio fazia com que o homem mudasse de idéia.

Sua mulher e filhos mudaram, permanecendo no local apenas um dos filhos.

Até que um dia, numa única vez, o pai ouviu o chamado do filho, que de bem longe gritava. O pai levantou-se na canoa e remou lentamente em direção do filho que através de seus gritos, oferecera-se para tomar o lugar do velho na canoa, no entanto, à medida que a canoa aproximava, o filho sentia-se arrepio, medo... pensou em desistir e finalmente fugiu, nunca mais ouvira falar de seu pai.

O conto apresenta um intenso contraste entre as personagens, nosso pai e filho, que ocupa a função de narrador. O pai movido por uma profunda angústia fez a sua escolha, ainda que dúbia, estranha, mas afirma-se como indivíduo, por outro lado um filho inseguro e incerto que preocupa com as impressões alheias e por isso é incapaz de se decidir e vive um intenso tormento. A ambigüidades é uma característica relevante das personagens de Guimarães Rosa.

Suas personagens se encontram representadas em suas lutas pela sobrevivência e pela afirmação de indivíduos... a tradição do passado e as incertezas do futuro, o tormento de paixões inconfessáveis, são linhas de força que criam um campo de ambigüidade que domina toda a obra ficcional de Guimarães Rosa (ONOFRIO, 1997: p. 442).

Não há quem busque refletir as obras de Rosa que não seja instigado a perscrutar a intimidade do ser na busca de resposta ao absurdo da existência, as coisas mais recônditas do ser, é como afirma Agnaldo J. Gonçalves:

Torna-se completamente impossível para um aficionado nas artes e na literatura refletir sobre o processo composicional de João Guimarães Rosa sem tentar encontrar a chave do mistério do inaudível, que se mantém resguardada em cada gesto de sua linguagem.

(...) conseguindo nos demover do que se poderia denominar simulacro do real, obrigando-nos a conviver, mesmo que em forma de impressão, com a dimensão mítica, primordial, que parece-nos levar mais além, numa esfera do inesprimível, movida pela emergência da consciência mística (GONÇALVES: 1997).

Do mistério inaudível e inesprimível captado pela sensibilidade da consciência mística é que este ensaio monográfico se fundamenta, parcialmente abordado segundo os conceitos filosóficos de Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Sartre.

O nosso trabalho foi desenvolvido baseado nas teorias de abordagem Existencial-Fenomenológica, pois, acreditamos, ser elas, fundamentais e práticas para investigar, conhecer e compreender a existência humana.

O princípio do método fenomenológico é intuir a essência sem a interferência alheia ou preconceito. Esse foi o nosso objetivo, colocar o homem como centro e medida do processo, aqui representado pela personagem protagonista, “o nosso pai”.

Conforme Aguiar e Silva (1994), “é certo que personagem implica um certo número de propriedades psicológicas, morais e socioculturais, preexistentes à ação narrativa...”.

Ainda conforme Aguiar, acreditamos que “o conceito de herói está estreitamente ligado aos códigos culturais, éticos e ideológicos, dominantes numa determinada época histórica e numa determinada sociedade”.

Conforme Candido (1995) “a personagem é basicamente síntese da palavra, uma composição de palavras sugerindo um tipo de realidade”.

Para Machado de Assis a “ficção é a substância da vida”. No momento não ateremos às questões sobre personagens, porque faremos posteriormente uma reflexão mais ampla, a nossa intenção neste momento é mostrar que a personagem, o nosso objeto é um elemento completamente suficiente para através dele compreender, conhecer e desnudar, a existência concreta e profunda do ser real que muitas vezes não são reveladas.

Os seres fictícios estão estreitamente ligados à realidade, até preferimos nas palavras de Machado de Assis, afirmar que eles são as substâncias da vida.

É nessa perspectiva que passamos a abordar os conceitos básicos do Existencialismo Moderno, para que através destes conceitos possamos esclarecer aquilo que a nossa consciência mística sensibilizou-nos a questionar concernentemente aos seres fictícios, porém, representantes da realidade.

Segundo Jovilet (1989) entende-se por Existencialismo, o conjunto de doutrinas segundo as quais a filosofia tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta, considerada como ato e como uma liberdade que se constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento esta afirmação de si.

O Existencialismo destina-se a compreender e explicar a existência humana e caracteriza-se pela afirmação de que “a existência precede a essência”.

A filosofia existencialista deriva dos conceitos de Sören Kierkegaard (1813 – 1855) que fez de suas obras a pura expressão de sua vida. Seu pensamento surgiu da luta de consciência em face de sua condição de existir. Ele foi o precursor da filosofia existencial e o primeiro a preocupar-se em compreender a existência. Para ele, pensar não é existir, mas sim, um espectador dessa vivência. Seria mais concreto dizer: “sinto, portanto existo”.

A escolha constitui uma das noções mais importantes de sua filosofia, pois, era vista como espécie humana. A escolha é desprovida de lógica, uma vez que, o que o indivíduo faz, depende do que ele quer. Entretanto, nenhuma opção se realiza sem angústia, uma vez que cada escolha é um risco pela sua própria incerteza. Ao mesmo tempo, existir implica em angústia e desespero. A obrigação de escolher (ERTHAL, 1989).

Edmund Husserl é o criador do método fenomenológico que etimologicamente significa o estudo dos fenômenos.

Conhecemos o mundo através de dois aspectos: a captação intuitiva e integração significativa. É um conhecimento direto que está longe de

ser completo, porque só percebemos aquilo que nos é mostrado de imediato. O ato de conhecer se completa com um componente não intuitivo a integração significativa, que realiza uma espécie de síntese, nas referindo ao objeto total.

Por meio da reflexão, voltamos toda a nossa atenção para os nossos processos mentais e passamos a captar não mais os objetos tais como se apresentam no exterior, mas a vivência desses objetos, ou seja, como se nos apresenta a nossa consciência (ERTHAL, 1989).

A expressão: “toda consciência é consciência de algo”, expressa o princípio da intencionalidade de Husserl, postulado básico da fenomenologia. Os fenômenos objetivos só se tornam inteligíveis enquanto são apreendidos por uma consciência.

Martin Heidegger (1889 – 1976) foi o primeiro a utilizar o método fenomenológico como elemento importante da sua análise existencial. Sua preocupação maior era elaborar uma análise existencial, partindo da análise do ser concreto e único (análise ôntica).

Investigando o problema do ser, acabou por recair em um único objeto possível: o próprio ser do sujeito existente, a que chamou de Dasein (ser-aí ou ente). Definir o ser implica, dessa forma, em transformá-lo em um ente (algo concreto) e aí termina a lógica do ser universal, uma vez que não pode existir um ser sem ente.

O Dasein é o ser-aí, na própria expressão da palavra. O ser-aí expressa o imediatismo e o inevitável, característica da condição existencial. A característica básica do Dasein é sua abertura para perceber e responder a tudo aquilo que está na sua presença. É contemporâneo do mundo, surgindo como fenômeno, isto é, como algo que se mostra a si mesmo. Daí Heidegger usar a expressão ser-no-mundo. (ERTHAL, 1991)

Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) teve uma vida de permanente reflexão sobre os problemas da existência humana. O Existencialismo Sartreano é proveniente de três formas de pensamento: o materialismo dialético de Marx, a fenomenologia de Husserl e o Existencialismo de Heidegger.

O conceito de intencionalidade é a pedra de apoio de Sartre. A análise da consciência é fundamental na sua filosofia. Divide-se em dois níveis: consciência de primeiro grau e consciência de segundo grau. A primeira é a consciência que ultrapassa a si mesmo para atingir o objeto e se esgota nessa mesma posição. Sartre a chamou de cogito pré-reflexivo ou consciência irreflexiva. É irreflexiva, pois não depende do conteúdo psíquico do eu. O segundo nível de consciência, chamou-a de consciência reflexiva (ERTHAL, 1991).

Baseado em Sartre, o ser humano é criador do seu mundo e de si, a nossa abordagem busca compreender o homem dentro dessa verdade. O objetivo é detectar os padrões comportamentais para chegar ao projeto original pelo qual o indivíduo se faz uma pessoa. O indivíduo se define por seu projeto, por ser capaz de fazer e desfazer o que fizeram dele, “o importante não é o que fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele” (apud ARANHA & MARTINS, 1996: p.324).

Entendemos que não é possível pensarmos o Existencialismo isoladamente, sem uma relação imediata com o ser, mesmo que este seja uma personagem de ficção, por essa razão, passamos agora a espreitar a constituição e significação do ser, personagem de ficção.

Na busca de caracterizar o personagem de Guimarães Rosa, procuramos analisar algumas definições de Antonio Candido sobre personagem.

Candido (1995) afirma que o conhecimento que temos de um ser real é fragmentário, mais fragmentado ainda, são as orações de um texto, contudo, é possível ter noções conjuntas e coerentes pelo ser fictício, tais noções não são exatas, precisas e nem determinantes, somente aproximativas.

Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base no juízo sobre o outro ser; permite, mesmo, uma noção conjunta e coerente deste ser, mas essa noção é oscilante, aproximativa, descontínua. Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados (CANDIDO: 1995 p.56).

Nas palavras de Candido (1995), o personagem revela “aspectos essenciais da vida humana, aspectos profundos, muitas vezes de ordem metafísica, incomunicáveis em toda a sua plenitude através do conceito, revelam-se, como num momento de iluminação, na plena concreção do ser humano individual.” (p.45)

Observaremos na citação a seguir os aspectos essenciais da vida humana sendo revelado nos personagens:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo..., do que eu mesmo me alembro ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, (...) minha irmã, meu irmão e eu (ROSA, 2001).

No trecho supracitado, pudemos de forma clara, entender as concepções de Candido (1995) acerca do ser fictício, tivemos noções conjuntas e coerentes de um grupo de seres que representam uma família. Isso causa no aficionado uma impressão ou sensação de fatos reais. Foi possível, através de elementos fragmentados, porém, coerentes, identificar uma família com três filhos, uma mãe autoritária que comanda, um pai passivo, no entanto, determinado e com características ainda bastante instigantes, dentre elas a de “só quieto”, configurando uma natureza muito misteriosa e inesperada.

Para melhor caracterização do “nosso pai”, retomemos a estrutura familiar descrita no conto alegoricamente, a “nossa mãe” representa a ação, domínio e o controle administrativo do cotidiano, enquanto o “nosso pai” representa o estado marcado pela quietude, e mesmo antes de se isolar no meio do rio, ele já vivia numa terceira margem. Esse comportamento apresenta-se de forma individual, evidenciado quando encomenda uma canoa com um só assento. Neste sentido, há inversão de valores dos membros da família, se considerarmos a estrutura familiar tradicional.

Ainda sobre personagem de ficção na perspectiva de leitor, Candido (1995) diz, que é “como se outra pessoa entrasse nelas e invadissem inesperadamente sua área de essência e de existência” (p.56).

Baseado em Candido (1995) podemos dizer que as informações que obtemos da personagem é suficiente para termos uma idéia ampla de sua vida,

revela muito mais lógica do seu interior do que o próprio ser vivo, que muitas vezes oculta os fatos mais profundos do ser.

São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente, nem de forma tão transparente e seletiva que possamos perceber as motivações mais íntimas, os conflitos e crises mais recônditas na sua concatenação e no seu desenvolvimento (CANDIDO: 1995, p.45).

Candido (1995) referindo-se ao romance define dois tipos de personagens, “personagens de costumes” e “personagens de natureza”, a diferença entre um e o outro é exorbitante. O primeiro traz em si traços distintos, definidos e que segue uma linearidade invariável, já o segundo, do qual faremos menção a seguir, é o oposto, possui traços superficiais e por isso são impedidos de ter uma regularidade, não são facilmente identificáveis, nem observados corriqueiramente ou por mecanismo de relações, mas somente à luz da existência profunda.

A personagem “o nosso pai” é um homem:

Só quieto. Mandou fazer para si uma canoa. Nosso pai nada não dizia (...) nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para agente. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim. Ele só retornou o olhar em mim...(ROSA, 2001)

Esta sequência de orações extraída da narrativa, refere-se ao personagem nosso pai, que configura um “personagem de natureza”, os seus traços são imprevisíveis e misteriosos, induzindo-nos muito mais a questionamentos do que esclarecimentos de fatos ou de caráter, portanto, só se é possível compreendê-lo numa visão mais clara, à luz do Existencialismo, pois, o que se diz, nem sempre é o que significa. É preciso observar ainda que as personagens contemporâneas são destituídas de coerência ética e psicológica, são instáveis e indeterminadas, o que Vitor Manuel, em Teoria da Literatura (1994) chama de “deteoração da personagem” no conceito do novo romance.

O nome de identificação do herói não é relevante e na maioria das vezes apresenta-se destituído ou desfigurado de características genealógicas, sociológicas, fisiológica, etc.

Objetivamos agora estreitar as noções sobre o ser personagem que até aqui discurremos, passamos a apresentar alguns entendimentos mais conclusivos acerca do personagem e de seu criador.

Consideramos em nosso estudo a abordagem de Beth Brait em sua obra, "A Personagem" (1998), ela diz que o espaço de existência do ser ficcional é o texto e só nos torna possível uma compreensão da personagem se observarmos a construção do mesmo.

Candido (1995) também nos remete a esta reflexão, para ele, tudo depende da composição textual, da coerência interna e da estrutura a que foi desenvolvida e organizada.

Como quase todos os escritos de Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio" possui uma organização textual desenvolvida basicamente em torno das questões existenciais, que inicialmente observamos pelo título: "A terceira margem do rio" que é uma verdadeira parábola, que provoca no leitor uma intensa vontade de interpretá-la e tirar lições para si. Os efeitos que mais sentimos ao ler a obra de Rosa são as curiosidades em compreender o que passa no subconsciente dos personagens e as reflexões sobre os problemas mais obscuros e misteriosos da existência humana.

A montagem do título do conto resulta da combinação de dois elementos de significação dispar: "terceira margem" e "rio". O autor atribui uma característica "estranha – uma terceira margem à compreensão de um elemento concreto da natureza – o rio – como que desejando transformá-lo em espaço de abstração, que

serve a possibilidade de reflexão. A narração se dá ora do espaço físico (o rio) ora do filosófico (uma dimensão mística e espiritual)".

Física e espiritual, o espaço do conto é delimitado pelo rio com duas margens concretas que possui e com a terceira e abstrata margem. O rio é o palco em que se desenrola a desorganização do ser (filho) e sugere ser o de busca de outro ser (pai). Na sua perenidade, o rio contrasta com a efemeridade da vida.

Ao refletirmos sobre um "rio", neste caso a palavra que integra o título, logo pensamos em suas águas, se são límpidas ou escuras, rasas ou profundas. Sabemos que a água simboliza purificação, transformação, vida, etc.. Partindo deste princípio entendemos que o título "A terceira margem do rio" significa um lugar de transcendência do ser, sendo o rio (a vida) raso(a) ou profundo(a), não importa, é preciso ter coragem e muita determinação para escolher um lugar deste(a) rio (vida). A margem no plano místico representa a natureza encarada como o lugar do mergulho absoluto do ser em si, buscando razões para ser. Daí a fusão homem e rio, traz uma espécie de conjecturas e tentativas de compreensão sobre a tarefa difícil de existir, mas entendida por "nosso pai".

Guimarães Rosa disse um dia que "gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios..."

Interessamos mais uma vez na palavra **ser**, ser um crocodilo é viver uma liberdade de pairar na superfície dos rios ou nos rasos da vida, é também mergulhar nas profundidades das águas (no recôndito do ser) que são os lugares mais difíceis do ser. Isso representa o perscrutar a alma humana. Rosa disse ainda: "...os grandes rios, são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muitos vivazes e clara, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens".

A terceira margem do rio é um espaço, um lugar, uma escolha de vida, que só é possível fazê-la com o abandono do medo e do real, num processo individual. E neste sentido, o rio se apresenta ao “nosso pai” como preparação para enfrentar a grande “travessia” em busca da aventura de si conhecer.

Conforme afirma Sartre (1991) “tem que viver e viver significa fazer escolhas”. Essa escolha foi realizada pelo pai e por isso o definimos como um ser autêntico, entendemos que ele transcendeu o real e o convencional ao romper com a família e demais convenções da sociedade, sem se arrazoar pela escolha, abandonando tudo e todos indo morar sobre uma canoa pequena no meio de um rio. Conforme Chauí (1997), o homem autêntico é aquele “que se projeta no tempo sempre em direção ao futuro”.

Percebemos a autenticidade do pai no momento em que o narrador personagem diz:

Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim me acenando de vir também, por uns passos. Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a benção, com gesto me mandando para trás. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou pelo remar. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. ...todos pensaram de nosso pai a razão de que não queriam falar: doideira (ROSA, 2001).

Entendemos de acordo com os teóricos até aqui mencionados que, o ser autêntico é aquele capaz de comportar diferentemente. Um “eu” não massificado pela coletividade, e sim, capaz de evadir-se da mera realidade e adotar para si um comportamento de ser diferente e indiferente às presunções da sociedade.

Vale ressaltar que, para que o ser em questionamento alcance a autenticidade é preciso que passe por um processo de angústia, que segundo Chauí (1997), “a angústia retira o homem do cotidiano e o reconduz ao encontro de si mesmo”.

A angústia, além de reconduzir o homem ao encontro de si mesmo, retira-o da imersão monótona e indiferente de viver.

A angústia é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade como ser e juntar os pedaços, a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana. (HEIDEGGER: 2000, p. 8).

Ainda referente a angústia, podemos dizer que ela é um sentimento que origina-se do medo da liberdade, uma vez o indivíduo livre, ele será responsabilizado pelos seus atos e enfrentará a opressão da sociedade.

O indivíduo “nosso pai”, apresenta seu estado de angústia no momento em que fica “só quieto”, denotando uma grande solidão, porém, ele é decidido e não se importou com as convenções sociais, por isso, inegavelmente o caracterizamos como um ser autêntico.

Já o filho é o oposto, apresentou-se incapaz de determinar a sua escolha de vida, sua insegurança promovida pelo medo de romper com as convenções sociais, torna-o num ser inautêntico.

O medo é um sentimento intrínseco do filho, percebido ainda na infância e que perdurou até a velhice, do qual, nunca se superou, apesar de tentar e por alguns momentos até pareceu superar, mas o seu estado de angústia era insuficiente para levá-lo a uma desrealização e a transcendência do seu “eu”.

E eu tremi, profundo, de repente. Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Por pavor arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. (ROSA, 2001)

Nunes (1986) diz que “o temor revela a sua essencial vulnerabilidade, de que a angústia é o fenômeno fundamental”.

O pai deu um sinal ao filho, possibilitando-o escolher entre permanecer ali ou embarcar consigo na canoa.

No entanto, ele conhece o filho fracassado, sente a sua vulnerabilidade e nem dá importância ao que o filho fala no momento em que o filho pergunta se o pai o levaria consigo. O pai sabia que o filho entendera perfeitamente o convite e teria incorrido no erro da indecisão e naquele instante estava fugindo da responsabilidade e o questionava apenas na tentativa de encorajar-se e de afirmar consigo mesmo como alguém capaz de fazer escolha. O filho não perguntou, “o senhor me leva junto na **nossa** canoa?” E sim, o senhor me leva junto na **sua** canoa?

Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a benção, com gesto me mandando para trás (ROSA, 2001).

O filho é um ser-para-a-morte, pois, a sua angústia origina do mundo como um todo, a ponto de aniquilar todas as possibilidades e levá-lo ao nada.

Sou um homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se um pai, sempre fazendo ausência; e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsia, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. (ROSA, 2001)

A ação centraliza-se em um só núcleo dramático – os relacionamentos pai x filho – pai x sociedade. Assim a ação está polarizada nos conflitos que se instauram nas relações interpessoais, todos mudam para outros lugares, com exceção do filho, para fugir à pressão gerada por tal situação.

Os acontecimentos contrastados entre pai e filho são basicamente voltado para o sujeito “o nosso pai”, ele é o espelho do filho, o narrador. É através da introspecção subjetiva do narrador que os fatos se apresentam sem nenhuma linearidade ou sequência lógica. Pelo fluxo de consciência do filho, percebemos que sua vida é uma circularidade, um sujeito de caráter de medianidade, que

remeteu-nos ao pressuposto filosófico de Henri Bergson em que “as ações, idéias, sentimentos e sensações do tempo presente misturam-se com a memória do passado e com as aspirações do futuro” (ONOFRIO: 1990). O filho ora apresenta-se num estado de epifania por um intenso devaneio da mente, ora num estado de angústia seguido de uma autenticidade fugaz.

Pudemos observar os momentos de devaneio da mente do filho, através dos seus próprios questionamentos conflitantes, onde o tempo psicológico é simultâneo.

É esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.
Tiro por mim, que, no que queria e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos.
E ele? Por quê? Devia padecer demais.
Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. (ROSA, 2001)

Quanto ao estado de angústia, pudemos perceber nos seguintes enunciados:

Sou um homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta, tanta culpa? Sou culpado do que nem sei, de dor em aberto; no meu foro. (ROSA, 2001)

A autenticidade fugaz é o momento em que o filho encontra-se num estado de angústia e esta suprime o seu medo e por algum tempo o conduz a uma condição de superação da facticidade, mas vindo logo em seguida à queda, reconduzindo-o ao seu estado servil e monótono, conforme visualizamos nos trechos a seguir:

Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido.
Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reorçar a voz: — “pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...”
concordado. E Eu tremi, profundo, de repente. Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. (ROSA, 2001)

Sabemos que a aparência de doido, ser diferente é um estado de ser que o configura como autêntico, conforme ocorreu com o “nosso pai”. O filho por alguns instantes também sentiu-se nestas condições de doido, portanto não se manteve e veio a fracassar, sem coragem para o salto, carrega a vida como um fardo.

O nosso pai “me pareceu vir: da parte do além. Sei que ninguém soube mais dele” (ROSA, 2001). Pela condição de manter-se no além e por outras razões ainda é que o pai se constitui um ser autêntico, não ateu as conseqüências e fez suas escolhas, sem nenhuma premissa sobre a qual a razão. Conforme Sartre (1991), o ser humano é deixado livre para fazer suas escolhas, sendo também o criador do seu mundo e de si.

O filho continuou no anonimato, numa condição factícia.

A facticidade consistiria no fato de o homem estar jogado no mundo, sem que sua vontade tenha participado disso. Para Heidegger, mundo não significa o universo físico dos astrônomos, mas o conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa. (HEIDEGGER: 2000, p. 07)

Ser ou não ser, autêntico, eis a questão que trouxe-nos até aqui, a escolha é individual, consideramos o sujeito o nosso pai, um ser concreto por alcançar o estágio mais avançado de sua existência, conquistou sua liberdade interior sem se arrazoar, por aquilo que a coletividade considerava certo ou errado, bom ou ruim e construiu o seu próprio mundo, deixando de ser apenas mais um na grande multidão.

A inserção do homem ao mundo já o coloca numa condição inautêntica, romper com esse estado de ser é o grande desafio. Este desafio não foi alcançado pelo filho.

Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. (ROSA, 2001)

A compreensão mais definida a que chegamos sobre o filho é que ele é um ser indefinido e incapaz de fazer e desfazer o que fizeram dele.

Pai e filho, ambos viveram a dor da angústia, a grande e importante diferença é que essa dor levou o pai a desfazer o que fizeram dele e projetou-se para um mundo diferente e por lá viveu desprovido do sentimento de culpa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da discussão teórica pautada no Existencialismo de Heidegger sobre o “nosso pai” personagem do conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, aplicamos essencialmente os conceitos de ser, estar, existência, autenticidade, inautenticidade, medianidade e outros, ao objeto, com intuito de buscar reconhecer na personagem os conflitos que a constitui.

A complexidade desses conflitos remete-nos não apenas à compreensão da existência do ser funcional, mas também do ser real.

Dentro desta perspectiva, analisamos o rio que compõe o título e o conflito do nosso pai como vida e terceira margem como separação dos limites do ser, isto é, a autenticidade.

Para estabelecermos considerações teóricas a respeito da autenticidade do “nosso pai” precisamos entrelaça-las a outro personagem, o filho, pois a constituição de nosso pai é feita pelo narrador (filho). Nesse sentido trabalhamos as relações de existencialidade do ser em ambos os personagens, para concluirmos que o nosso objeto de análise carrega em si características da autenticidade e o filho da inautenticidade, postulado por Heidegger.

Com este trabalho de análise, esperamos contribuir com os acadêmicos de letras e outros leitores que foram provocados pela leitura enigmática das obras de Guimarães Rosa, que este, não seja um trabalho que apresenta soluções, mas, que provoque no leitor novos questionamentos.

Essa reflexão sobre o ser foi e continuará sendo de grande valia para mim, a angústia, da qual tanto mencionamos, proporcionou-me a superação na realização deste trabalho. Ao observar o personagem o “filho”, compreendi o quanto é difícil sair da condição em que nos foi imputada, a de inautêntico, antes mesmo de

termos consciência de nossa existência, contudo, o prazer na concreção do ser é inestimável.

Vale ressaltar que, refletir a cerca da existência humana é projetar-se ao autoconhecimento e inferir-se no diferente, reduzindo as possibilidades do erro e conseqüentemente do sentimento de culpa.

Partindo dos princípios ideológicos de meu ser, posso seguramente afirmar, ainda que oponha a maioria dos fundamentos Existencialistas que valorizam a libertação sem se preocupar com as conseqüências da mesma, para chegar a autenticidade, que, **os limites da autenticidade é o amor**. Aceito todas e quaisquer críticas, mas, reafirmo, o limite da minha autenticidade termina onde começa a do outro, não posso alcançar a concreção e a autenticidade do meu ser, as custas da regressão à facticidade e inautenticidade de outrem.

Este estudo não tem a pretensão de ser tomado como uma análise determinante e fechada. O campo de estudo que escolhemos é a leitura, que possui característica essencialmente polissêmica e verossímil, portanto, passivo de várias leituras em diferentes perspectivas teóricas.

BIBLIOGRAFIA

- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia A.; Maria H. Pires. *Filosofando – introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1998.
- CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995
- _____. Et all. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. São Paulo: Ática, 1997
- D', Salvatore. *Literatura Ocidental*. São Paulo: Ática, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NUNES, Benedito. *Passagem para o poético – filosofia e poesia em* _____ . Et all. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, Vitor Manoel de Aguiar. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1994.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FILHO, Domicio Proença. *Pós-Modernismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. *Terapia vivencial*. São Paulo: Vozes, 1995.
- PENHA, João da. *O que é Existencialismo*. São Paulo: Brasileira, 2001.